



Em três horas de derrubada, funcionários da Terracap puseram abaixo os novos barracos da invasão Haiti em Brazlândia. Nos últimos 15 dias, os invasores recém-chegados construíram 153 abrigos de madeira, zinco e lona

Terracap destrói 153 barracos na Haiti

Invasão fica em Brazlândia. Comerciante que filmava a derrubada foi agredido por policiais e teve a câmera destruída

Beth Veloso

Da equipe do **Correio**

Com jeitinho, cautela e paciência, a Polícia Militar do Distrito Federal garantiu a retirada pacífica de construção irregular no condomínio Hollywood, de classe média, na quinta-feira. Mas as regras básicas da boa educação foram esquecidas na manhã de ontem, quando os policiais foram dar apoio à remoção de invasores que não têm conta bancária.

Um festival de denúncias e duas ocorrências por lesão corporal foram o resultado da operação de derrubada de 153 barracos nos fundos da invasão Haiti, próximo à quadra 43 de Brazlândia, numa área da Companhia Imobiliária de Brasília (Terracap).

O comerciante Roberto Carlos Alexandre, 29 anos, que registrava a retirada dos barracos desde as 9h 30, com uma filmadora, foi agredido, jogado no chão, chutado, detido e levado até a 18ª Delegacia de Polícia (DP). "Ele estava gritando palavras de ordem e tumultuando a remoção", disse o major Wolney Rodrigues da Silva, que comandou os 70 PMs que participaram da operação.

"Quando chegamos para documentar a retirada, eles *desceram o pau na gente*", defendeu-se Roberto. Ele teve hematomas no olho e no braço direito, no peito e a calça rasgada. "Eles levaram meus documentos, o dinheiro. Colocaram um revólver no meu peito e ameaçaram me matar", denunciou. A filmadora, destruída, ficou com a PM. Roberto foi encaminhado ao hospital e ao Instituto Médico Legal e vai processar criminalmente o policial que o agrediu.

CONCLUSÃO PRÉVIA

A Polícia vai investigar o caso, mas o delegado Valdir Paulo de Fonseca, titular da 18ª Delegacia de Polícia, em Brazlândia, já tirou uma conclusão prévia. "Foi aquele incidente normal de retirada de sem-terra. Não houve nenhuma ocorrência mais grave. Todas as lesões são leves", avaliou, embora não tivesse presenciado o conflito. O irmão de Roberto, José Ayres Chianca, 31 anos, também prestou queixa por agressão, mas duvida que os policiais sejam punidos. "A ação deles foi desumana. Sabiam que se entregássemos a fita na mão da imprensa, o governador Cristovam Buarque teria problemas."

Vários invasores denunciaram que os fiscais começaram a derrubar os barracos sem se preocupar se havia ou não pessoas dentro e que mulheres foram agredidas. Descontrolados, invasores também atiraram pedras contra os policiais militares. Um PM sofreu ferimento na cabeça. A confusão só acabou por volta das 10h30, com a chegada do deputado Edimar

Pirineus (PMDB), que tentou negociar com a administração para que os sem-teto fossem mantidos no local. Mas não teve sucesso.

EXPLOÇÃO DE BARRACOS

A invasão nasceu em 2 de fevereiro. Em duas semanas, foram levantados cerca de 150 barracos, que abrigavam mais de 500 pessoas. A maioria era de lona ou zinco. Alguns foram desmontados pelos próprios invasores quando os fiscais chegaram.

Quarenta barracos eram de madeira e telha. Muitos estavam vazios. A madeira foi levada para o depósito da Terracap, de onde só será retirada com nota fiscal, e as telhas foram destruídas. Em Brazlândia, as lojas de construção vendem e até mandam entregar o material para construir um barraco, que sai de R\$ 200,00 a R\$ 450,00.

A maioria dos invasores havia sido retirado há pouco mais de uma semana de uma área ao lado. "O deputado Zé Ramalho (PDT) falou que a gente podia invadir, que ele ia fazer o possível e o impossível para doar o lote", denunciou a dona de casa Míriam Souza. "Quando eu cheguei de viagem, eles já estavam lá. Mas vou lutar com unhas e dentes para que eles sejam regularizados. Ninguém pode ser considerado invasor em seu próprio país", afirmou o deputado.

SEM ESPERANÇA

A defesa dos invasores é sempre a mesma: não têm moradia e estão cansados de esperar por um lote do Instituto de Desenvolvimento Habitacional (Idhab). "Do mesmo jeito que deixaram a invasão lá em cima, devia deixar essa também. É igualzinho", afirmou Sandra da Silva, que trabalha numa creche.

Com 1.377 barracos, a Haiti foi criada no governo Cristovam. "A invasão está praticamente fixada porque não dá para retirar quem já está morando há dois anos", explicou o administrador de Brazlândia, Jamil Francisco dos Santos. Segundo ele, a maior preocupação do governo é combater a imigração. "O parente escreve para o outro mandando vir", admitiu a dona-de-casa Lucinei Pereira, que mora no local.

"Só nessa invasão tem umas 50 pessoas com mais de um barraco", acusou Horácio Filho, fiscal do Sistema Integrado de Vigilância e Uso do Solo (Siv-Solo). "Tem *négo* aqui que tem duas ou três casas e tá invadindo", confirmou um carroceiro que não quis dizer o nome. Dona Severina de Souza, 57, confessou que mora na invasão Haiti e que tinha acabado de construir um barraco para uma filha morar. "Levantei o barraco e fiquei quieta para ver o que acontecia", afirmou. Aconteceu o que ela mais temia.



O comerciante Roberto Carlos Alexandre mostra o hematoma no olho: "Quando chegamos para documentar a retirada, eles descaram o pau na gente"